

**COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PRÁTICA  
EDUCOMUNICATIVA NA ESCOLA PÚBLICA<sup>1</sup>**

***COMMUNICATION AND EDUCATION: CHALLENGES AND POSSIBILITIES OF  
EDUCOMUNICATIVE PRACTICE IN THE PUBLIC SCHOOL***

***COMUNICACIÓN Y EDUCACIÓN: DESAFÍOS Y POSIBILIDADES DE LA PRÁCTICA  
EDUCOMUNICATIVA EN LA ESCUELA PÚBLICA***

*Paulo César Pedroza Marques*  
paulopedroza@gmail.com

Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (UNEB)

*João José de Santana Borges*  
jjborges@uneb.br

Doutor em Ciências Sociais (UFBA)  
Professor da UNEB

**RESUMO**

Este artigo busca elucidar os principais desafios e possibilidades do trabalho com a interface comunicação e educação na escola pública, objetivando compreender como a inserção da educomunicação no ambiente escolar pode se tornar uma forma de ensino-aprendizagem que estimule a participação dos estudantes e propicie uma formação mais crítica em relação aos conteúdos midiáticos. Para isso, realiza uma breve revisão conceitual acerca da educomunicação, trazendo, sobretudo, reflexões motivadas pela prática educ comunicativa desenvolvida em uma escola pública do município de Juazeiro, no semiárido baiano. Nessa perspectiva, conta com a contribuição de autores como Ismar de Oliveira de Soares (2003, 2011a, 2011b), Jesús Martín-Barbero (2000), Mário Kaplún (1999), Paulo Freire (1996, 2013), entre outros, os quais foram determinantes para problematizar o campo em estudo. A fundamentação abordada resulta também da imersão no locus pesquisado ao longo de dez meses, utilizando-se, sobretudo, do método pesquisa-ação e da etnometodologia, perspectivas imprescindíveis à realização de uma pesquisa qualitativa construída em conjunto com outros atores sociais. Ao longo do trabalho, intercalaram-se os estudos sobre os referenciais

---

<sup>1</sup> As reflexões abordadas neste artigo resultaram de uma pesquisa de mestrado, no âmbito do programa de pós graduação da UNEB, concluída em fevereiro de 2018.

educativos à realização de ações formativas junto à comunidade escolar, possibilitando identificar alguns resultados advindos dessa prática, como: a adoção, pelos jovens, de uma postura mais crítica frente ao discurso midiático; o aumento progressivo da participação dos estudantes nas atividades educativas realizadas; e o reconhecimento, pelos professores, sobre a relevância do estímulo ao engajamento discente através das mídias. Ademais, os resultados obtidos permitiram concluir que as ações empreendidas na escola pesquisada, bem como os resultados advindos delas, manifestam a expressão da educação enquanto ideal de relações dialógicas, construídas coletivamente e mediadas por diferentes suportes e linguagens.

**Palavras-chave:** Comunicação. Educação. Educação. Escola pública. Participação.

#### ABSTRACT

This article seeks to elucidate the main challenges and possibilities of working with the communication and education interface in the public school, aiming to understand how the insertion of education in the school environment can become a form of teaching and learning that stimulates student participation and provides a training more critical of media content. In order to do so, it carries out a brief conceptual review about education, bringing, mainly, reflections motivated by the education practice developed in a public school in the municipality of Juazeiro, in the semi-arid state of Bahia. In this perspective, it counts on the contribution of authors like Ismar de Oliveira de Soares, Jesús Martín-Barbero, Mário Kaplún, Paulo Freire, among others, who were determinants to problematize the field under study. The rationale is based on the immersion in the locus researched over ten months, using, above all, the research-action method and ethnomethodology, essential perspectives for the accomplishment of a qualitative research constructed in conjunction with other social actors. Throughout the work, the studies on the educational references were carried out to the accomplishment of formative actions with the school community, making it possible to identify some results derived from this practice, such as: the adoption, by young people, of a more critical attitude towards the media discourse; the progressive increase of students' participation in the education activities carried out; and recognition by teachers of the relevance of the stimulus to student engagement through the media. In addition, the results obtained allowed us to conclude that the actions undertaken in the researched school, as well as the results derived from them, manifest the expression of Education as an ideal of dialogical relations, constructed collectively and mediated by different supports and languages.

**Keywords:** Communication. Education. Education. Public school. Participation.

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo destacar los principales desafíos y posibilidades del trabajo con la interfaz comunicación y educación en la escuela pública, con el objetivo de comprender cómo la inserción de la educomunicación en el ambiente escolar puede convertirse en una forma de enseñanza-aprendizaje que estimule la participación de los estudiantes y propicie una formación más crítica en relación a los contenidos mediáticos. Para ello, realiza una breve revisión conceptual acerca de la educomunicación, trayendo, sobre todo, reflexiones motivadas por la práctica educomunicativa desarrollada en una escuela pública del municipio de Juazeiro, en el semiárido bahiano. En esta perspectiva, cuenta con la contribución de autores como Ismar de Oliveira de Soares, Jesús Martín-Barbero, Mário Kaplún, Paulo Freire, entre otros, los cuales fueron determinantes para problematizar el campo en estudio. La fundamentación abordada resulta de la inmersión en el locus investigado a lo largo de diez meses, utilizando, sobre todo, del método investigación-acción y de la etnometodología, perspectivas imprescindibles a la realización de una investigación cualitativa construida en conjunto con otros actores sociales. A lo largo del trabajo, se intercalaron los estudios sobre los referentes educativos educativos a la realización de acciones formativas junto a la comunidad escolar, posibilitando identificar algunos resultados provenientes de esa práctica, como: la adopción, por los jóvenes, de una postura más crítica frente al discurso mediático; el aumento progresivo de la participación de los estudiantes en las actividades educomunicativas realizadas; y el reconocimiento, por los profesores, sobre la relevancia del estímulo al compromiso discente a través de los medios. Además, los resultados obtenidos permitieron concluir que las acciones emprendidas en la escuela investigada, así como los resultados obtenidos de ellas, manifiestan la expresión de la Educomunicación como ideal de relaciones dialógicas, construidas colectivamente y mediadas por diferentes soportes y lenguajes.

**Palabras clave:** Comunicación. Educación. Comunicación Educativa. Escuela pública. Participación.

## INTRODUÇÃO

A problematização a respeito da inserção da comunicação nos espaços educacionais torna-se cada vez mais atual, especialmente a partir do advento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) pela sociedade contemporânea. As discussões sobre o impacto das novas mídias e tecnologias digitais no cotidiano das pessoas têm ultrapassado os muros das universidades e ganhado espaço nas conversas informais entre famílias, amigos e profissionais das mais diversas áreas.

Nas escolas, as discussões perpassam, principalmente, pelo desafio de saber lidar com esses novos dispositivos em sala de aula. De um lado, é comum encontrar um corpo discente totalmente familiarizado com esse novo ecossistema comunicativo (SOARES, 2011a), e, do outro, inúmeros docentes que ainda estão galgando os primeiros passos rumo à apropriação das tecnologias digitais.

Diante deste cenário, no qual crianças e jovens encontram-se intensamente envolvidos, o diálogo entre os campos da educação e da comunicação se faz imprescindível para pensar a formação escolar na contemporaneidade. Conforme argumenta Martín-Barbero (2000), estamos vivenciando uma experiência cultural nova, maiormente entre os mais jovens, e a escola precisa refletir sobre o seu papel perante esta realidade.

O processo formativo das crianças e jovens brasileiros não pode ignorar o fato de que 83% desse público juvenil (de 9 a 17 anos) acessa a rede mundial de computadores através dos seus smartphones, e 90% dele tem pelo menos um perfil em rede social da internet <sup>2</sup>. É nesse contexto que, de acordo com Martín-Barbero (2000, p.54), a juventude manifesta uma forma peculiar de relacionamento com as mídias, dando origem a uma teia de relações dinâmicas e descentralizadas responsáveis por constituir um novo ecossistema. Trata-se, na verdade, de “[...] um *sensorium*<sup>3</sup> novo. Novos modos de perceber e de sentir; uma nova sensibilidade que, em muitos aspectos, se choca e rompe com o *sensorium* dos adultos”.

Nessa conjuntura, a educomunicação se apresenta como um campo teórico-prático capaz de nos orientar sobre essa problematização, absorvendo seus fundamentos dos tradicionais campos da educação, comunicação, e de outros campos das ciências sociais. Como define Soares (2003, p.44): “Trata-se, na verdade, de uma perspectiva de análise e articulação em permanente construção e que leva em conta o contínuo processo de mudanças sociais e de avanços tecnológicos pelos quais passa o mundo contemporâneo”.

Deste modo, fundamentados nos referenciais educacionais, abordaremos aqui as principais conceituações sobre o campo e suas possibilidades de intervenção no espaço

---

<sup>2</sup> Esses dados fazem parte de pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), denominada TIC Kids Online Brasil. Mais informações podem ser encontradas através do link: <http://cetic.br/pesquisa/kids-online/>

<sup>3</sup> Termo utilizado pelo ensaísta Walter Benjamin para conceituar uma nova forma de percepção da realidade decorrente da reprodutibilidade técnica da imagem na sociedade moderna.

escolar. Para isso, além das reflexões teóricas sobre a interface comunicação e educação, será possível compreender, através do relato de uma experiência prática, a complexidade que envolve a realização de um projeto educacional. Afinal, assumir uma postura dialógica e aberta ao trabalho com a comunicação na escola, como propõe a educação, ainda é um desafio a ser superado.

Nessa perspectiva, este estudo objetiva compreender como a inserção da educação na escola pode se tornar uma forma de ensino-aprendizagem que estimule a participação dos estudantes e propicie uma formação mais crítica em relação aos conteúdos midiáticos, buscando, deste modo, ampliar as possibilidades de compreensão do potencial educacional no contexto escolar.

Guiados por essa problemática, o presente artigo aborda, na seção 2, a conceituação do campo educacional e sua fundamentação prática, contando com a contribuição de autores como Ismar de Oliveira de Soares (2003, 2011a, 2011b), Jesús Martín-Barbero (2000), Mário Kaplún (1999), Paulo Freire (1996, 2013), entre outros, os quais foram determinantes para problematizar o espaço em estudo. Em seguida, a seção 3 apresenta o locus pesquisado, os métodos utilizados, bem como o processo de imersão no campo, possibilitando conhecer um pouco mais sobre os sujeitos da pesquisa e, sobretudo, como se dá a formação educacional na prática. Por fim, na seção 4, são elucidados os resultados da pesquisa e retomadas algumas ideias defendidas ao longo do texto. Nesta seção, destaca-se também uma reflexão sobre as falas dos participantes, obtidas através de entrevistas semiestruturadas, a partir das quais tecemos as considerações finais deste trabalho.

## **EDUCOMUNICAÇÃO: CONCEITOS E PRÁTICAS**

De acordo com Ismar de Oliveira Soares (s.d), o princípio base da educação é compreender a comunicação como condição essencial ao processo educativo e não apenas como tecnologia ou recurso a serviço da didática. Nessa perspectiva, busca-se também ampliar as formas de expressão das coletividades através da valorização de ações participativas; democratização dos recursos da informação; e reconhecimento da comunicação enquanto direito de todos.

Tal posicionamento se deve à interdiscursividade decorrente da articulação entre o campo da comunicação e da educação com as demais áreas do saber. Afinal, como afirma Maria Aparecida Baccega (1998), atualmente, as Ciências Humanas e Sociais foram incorporadas à comunicação, resultando em novas posturas epistemológicas, entre elas, a postura educ comunicativa que

absorve seus fundamentos dos tradicionais campos da educação, comunicação, e de outros campos das ciências sociais, superando, desta forma, as barreiras epistemológicas impostas pela visão iluminista e funcionalista de relações sociais que mantêm os tradicionais campos do saber isolados e incomunicáveis (SOARES, 2003, p.44).

Percebe-se, dessa forma, que a educ comunicação surge da confluência entre diversas áreas, constituindo-se em um campo relativamente novo, e “em permanente construção”. Segundo Soares (2011a, p.11), o termo *Educommunication* foi utilizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), nos anos 1980, como sinônimo de *Media Education*, “para designar o esforço do campo educativo em relação aos efeitos dos meios de comunicação na formação de crianças e jovens”. Essa definição da UNESCO, além de outras conceituações sobre o campo, contribuiu para a difusão da ideia de que a educ comunicação se resume a uma educação para os meios de comunicação ou educação para uma leitura crítica da mídia. Embora o campo admita tais definições, seria reducionismo resumi-lo a elas.

Segundo Kaplún (1999, p.68), ao pensarmos a educ comunicação, faz-se necessário superar essa abordagem redutora, pois ainda que comporte as problematizações em torno do universo midiático, “abarca também, e em lugar privilegiado, o tipo de comunicação presente em todo o processo educativo, seja ele realizado com ou sem o emprego dos meios”. O autor é enfático ao ressaltar que a proposta educ comunicativa não é definida pela “tecnologia” ou “mídia” utilizada, mas sim pela abordagem dialógica, participativa e pela formação crítica dos sujeitos envolvidos no processo educativo/comunicativo.

A nomenclatura “educ comunicação”, notadamente, ganha força no final dos anos 1990, após o processo de sistematização da área promovido pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP. Porém, esse termo também já era utilizado na década de 1980 pelo educ comunicador Mario Kaplún. De acordo

com ele, a educomunicação tem como um dos seus princípios norteadores a perspectiva participativa, bem como a construção coletiva do conhecimento, engajando os sujeitos em seu próprio processo educativo (KAPLÚN, 1999).

No Brasil, os pesquisadores do NCE/ECA-USP foram os principais responsáveis pelo processo de sistematização das experiências que tinham como base a interface Comunicação/Educação, conceituando-as como educomunicação. Segundo o professor e pesquisador Ismar de Oliveira Soares (2011a, p.11), uma das principais referências na área, entre os anos de 1997 e 1999, o NCE realizou uma pesquisa junto a 176 especialistas de 12 países da América Latina, registrando uma série de experiências que tomavam a interface comunicação e educação “como eixo transversal das atividades de transformação social”.

Após essa fase de sistematização, Soares (s.d.) buscou responder ao seguinte questionamento, o qual virou título de um artigo publicado pelo NCE: “Afinal, o que é educomunicação?”. Para Soares, o campo pode ser definido como:

...todo o conjunto de ações e reflexões inerentes ao desenvolvimento de ‘ecossistemas comunicativos’, abertos e colaborativos, possíveis graças à gestão democrática dos recursos da informação, e que tenha como meta a prática da cidadania, presente no exercício da expressão comunicativa por parte de todos os agentes sociais envolvidos. Em decorrência, a educomunicação se materializa em ‘áreas de intervenção’, podendo o profissional ser um perito em uma ou mais destas áreas (SOARES, s.d., p.2).

Ainda de acordo com Soares (2011a, 2011b), essas “áreas de intervenção” podem ser divididas em seis, sendo elas: educação para comunicação; expressão comunicativa através das artes; mediação tecnológica nos espaços educativos; pedagogia da comunicação; gestão da comunicação nos espaços educativos, e, por fim, a reflexão epistemológica, que é responsável por dar continuidade ao processo de pesquisa, ação e teorização do campo educacional, já iniciado pelo NCE da USP.

Todavia, para compreender melhor cada uma dessas áreas, bem como a própria epistemologia da educomunicação, faz-se imprescindível a problematização do termo, aqui já citado, ecossistemas comunicativos.

### **Ecossistemas comunicativos**

A conceituação dos ecossistemas comunicativos perpassa pelos estudos sobre a inter-relação comunicação, educação e cultura, tendo como um dos principais pensadores na área o filósofo e semiólogo latino-americano Jesús Martín-Barbero. Buscando refletir sobre as novas formas de se relacionar com o mundo numa sociedade mediatizada tecnologicamente, Martín-Barbero (2000) afirma que a primeira manifestação do ecossistema comunicativo é a relação com as novas tecnologias, que se evidencia, principalmente, entre as pessoas mais jovens.

O ecossistema comunicativo rompe com um modelo de centralização do saber, manifestando-se por meio de dois fenômenos típicos da sociedade moderna: a relação com as novas tecnologias e a existência de um ambiente comunicacional difuso e fragmentado. Para Martín-Barbero (2000), esse novo cenário exige do sistema educacional uma nova postura, pois a escola deixou de ser o único lugar de legitimação do conhecimento.

Diante do professor que sabe recitar muito bem sua lição, hoje, senta-se um alunado que, por osmose com o meio-ambiente comunicativo, está embebido de outras linguagens, saberes e escrituras que circulam pela sociedade. [...] Isso está trazendo para a escola um fortalecimento do autoritarismo, como reação à perda de autoridade do professor, e não uma abertura para esses novos saberes. Em lugar de ser percebida como uma chamada a que se reformule o modelo pedagógico, a difusão descentralizada de saberes, possibilitada pelo ecossistema comunicativo, resulta no endurecimento da disciplina do colégio para controlar esses jovens, cada vez mais frívolos e desrespeitosos com o sistema sagrado do saber escolar (MARTÍN-BARBERO, 2000, p.55).

Mostra-se imperativo, então, repensar o modelo escolar frente aos desafios impostos pelo ecossistema comunicativo. É nesse sentido que a educomunicação surge como um caminho possível, refletindo sobre os campos da educação e da comunicação enquanto inter-relação, enquanto diálogo com as novas linguagens. Conforme recomendam os pressupostos educacionais, a partir da teoria dialógica de Freire (2013), é preciso compreender e levar em consideração, no processo de ensino-aprendizagem, o contexto histórico e sociocultural no qual os educandos estão inseridos.

Nessa perspectiva, Soares (2011a, 2011b) aborda um novo conceito de ecossistema comunicativo, definindo-o como um sistema complexo, dinâmico e aberto, marcado, sobretudo, pela convivência e ação comunicativa integrada. Para ele, trata-se de um ideal de



relações dialógicas, construído coletivamente em determinado espaço, e que reconhece a presença das tecnologias e mídias permeando, direta ou indiretamente, essas relações.

De acordo com a definição de Ismar de Oliveira Soares (2011a), nesse ecossistema, as tecnologias exercem um papel auxiliar (tecnologias de auxílio), pois, o que predomina é a opção por um tipo de convívio humano resultante da relação dialógica. Deste modo, o ecossistema comunicativo não se restringe apenas ao contexto escolar, manifestando-se também nas relações familiares, na igreja, no bairro, no ciberespaço e etc., afinal, o que o define é o tipo de relação estabelecida e expressa em uma cultura comunicativa.

Percebe-se, desse modo, que a compreensão do conceito de ecossistema comunicativo, seja através da definição originária, com Martín-Barbero, ou do novo sentido atribuído por Ismar de Oliveira Soares, faz-se essencial para entender a educomunicação, especialmente no que se refere à sua aplicabilidade no ambiente escolar, foco deste trabalho.

## **AÇÃO EDUCOMUNICATIVA NA ESCOLA PÚBLICA: DA TEORIA AO TRABALHO DE CAMPO**

O trabalho de campo que resultou na implementação do projeto educ comunicativo na escola locus desta pesquisa, a EFTJ<sup>4</sup> - Escola de Formação Técnica Juazeirense, localizada em Juazeiro, no semiárido baiano, teve como base uma abordagem metodológica de cunho qualitativo, fundamentada, sobretudo, na pesquisa-ação e na etnometodologia. Esta última origina-se do método etnográfico cuja primeira indicação é a observação do campo e dos atores em ação (COULON, 1995). Além disso, tal abordagem possibilita também a realização de entrevistas semiestruturadas, que não exigem uma ordem rígida na elaboração e condução dos questionamentos. Esta modalidade de entrevista foi desenvolvida junto aos estudantes e professores diretamente envolvidos com o projeto educ comunicativo.

Vale destacar que, a escolha pelo método do tipo pesquisa-ação, por exemplo, não ocorreu aleatoriamente. Procuramos trabalhar ancorados em uma metodologia que dialogasse com os pressupostos educ comunicativos, possibilitando uma construção coletiva do

---

<sup>4</sup> Visando preservar a integridade da instituição, atribuímos nome fictício à escola.

aprendizado, onde nós, pesquisadores, reconhecemos a necessidade de aprender em conjunto com os sujeitos participantes da pesquisa, levando em consideração que, como nos lembra Paulo Freire (1996, p.25): “Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”.

Assumir tal posicionamento teórico-metodológico, alicerçado em outra concepção de comunicação, como define Soares (2011a): “uma comunicação educativa”, exige ainda mais do pesquisador.

Nessa perspectiva, esforçamo-nos para pôr em prática uma abordagem metodológica participativa e colaborativa, almejando um “construir junto” através da pesquisa-ação e dos embasamentos educacionais. Entretanto, aos poucos, fomos descobrindo que o desafio seria maior do que imaginávamos, pois imperava na escola um modelo verticalizado de conhecimento, e romper com o paradigma da transmissão unidirecional (professor/emissor → estudante/receptor) exigiria demasiada paciência e dedicação.

### **Adentrando na escola: primeiros diálogos**

O diálogo com a direção da Escola Técnica (EFTJ), para o desenvolvimento deste trabalho, começou ainda no mês de dezembro de 2016, ocasião na qual evidenciou-se a abertura e entusiasmo da instituição em acolher o projeto. Porém, o desenvolvimento da pesquisa de campo, com observação direta em sala de aula (fase exploratória da pesquisa), teve início somente no mês de abril de 2017, após tramitação e aprovação do projeto de pesquisa no Comitê de Ética (CEP) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Durante os meses anteriores (fevereiro e março) mantivemos contato com a escola, dialogando com a direção e professores, mas sem intervir diretamente naquela realidade. Esse período foi importante para definir melhor quais seriam as turmas que poderiam participar da pesquisa. De antemão, optamos por não trabalhar com discentes do terceiro ano do Ensino Médio, devido à preparação mais intensiva para o vestibular, bem como, uma exigência maior em relação ao cumprimento de carga horária relativa ao estágio na área técnica, já que essas turmas estudavam na modalidade de ensino médio-técnico.

Neste sentido, optamos por adotar um princípio comumente aplicado na pesquisa-ação, a amostragem intencional, que de acordo com Michel Thiollent (2011, p.71): “Trata-se de um pequeno número de pessoas que são escolhidas intencionalmente em função da relevância que elas apresentam em relação a um determinado assunto”.

Nesse processo de delimitação da amostragem, o diálogo com a direção e com alguns professores foi fundamental, pois muitos docentes relataram que as turmas do segundo ano do Ensino Médio não estavam participando de outros projetos da escola, tendo mais tempo livre para aderir à nossa proposta de educomunicação. Diferentemente, as turmas de primeiro ano já estavam participando de outras atividades no contraturno, o que poderia prejudicar a adesão dos jovens ao projeto. Assim, optamos por trabalhar com duas turmas: o segundo ano A e o segundo ano B. Dentro deste universo de 61 estudantes (26 discentes do 2º A e 35 do 2º B), elegemos mais um filtro: a adesão voluntária.

Deste modo, ancorados, sobretudo, nos referenciais etnometodológicos e da pesquisa-ação, inicialmente, acompanhamos a rotina dessas duas turmas objetivando conhecer um pouco mais do universo desses jovens e das suas relações em sala de aula. Entre os dias 03 de abril e 11 de maio de 2017, todas as segundas e quintas-feiras, foi possível observar o comportamento dos discentes durante as aulas e também no horário do intervalo. Somente após essa fase de observação, seguida de uma explanação sobre a proposta do projeto educucomunicativo para as duas turmas, é que partimos para a segunda etapa da pesquisa: a fase de intervenção, com planejamento coletivo das ações educucomunicativas. A partir deste momento, passamos a trabalhar apenas com os jovens que manifestaram interesse pelo projeto e pela problemática apresentada, a qual girava em torno da ausência dos meios de comunicação em sala de aula, mesmo diante do evidente envolvimento dos jovens com as novas mídias e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

### **A realização das formações educucomunicativas**

Após a finalização do período de observação direta em sala de aula, no mês maio de 2017, traçamos um perfil das turmas acompanhadas, e planejamos, junto com a professora de Língua Portuguesa, as possíveis ações formativas do projeto. Essas ações levaram em

consideração a disponibilidade de tempo dos discentes e suas afinidades com o universo midiático, fatores que puderam ser analisados no período observacional.

Vale ressaltar que, durante todo o projeto, realizamos encontros de planejamento com os estudantes e professores envolvidos. As decisões relativas às oficinas formativas foram tomadas coletivamente. Em uma dessas ocasiões, os educandos escolheram a linguagem fotográfica como meio de expressão a partir do qual desenvolvemos o trabalho.

Guiados pela educomunicação, o nosso objetivo foi proporcionar um espaço de formação democrático, participativo e crítico, com destaque para problematização dos conteúdos midiáticos, processo que, como vimos, independe da tecnologia ou ferramenta utilizada. Conforme Kaplún (1999, p.68): “Isso implica considerar a Comunicação [...] antes de tudo, como um componente pedagógico”.

Dessa forma, fundamentados nos referenciais da educomunicação e da pesquisa-ação, que pressupõem um processo decisório coletivo, compartilhamos com os discentes as impressões extraídas do período de observação direta em sala de aula, e juntos realizamos um planejamento participativo das ações.

Inicialmente, o maior desafio foi conquistar a confiança dos estudantes e despertá-los para o engajamento direto no projeto. Fator que já vinha se revelando na fase exploratória da pesquisa, quando se tornou evidente a dificuldade da professora em conseguir manter a atenção das turmas.

O comportamento desses alunos sempre nos intrigava. Para eles, tudo parecia ser mais interessante que a escola, fazendo-nos lembrar as considerações de Jesús Martín-Barbero (2000, p.54) sobre o surgimento de um ecossistema comunicativo: “A primeira manifestação e materialização do ecossistema comunicativo é a relação com as novas tecnologias, com sensibilidades novas, muito mais claramente visíveis entre os mais jovens”.

De fato, a relação dos discentes com essas tecnologias, sobretudo com os celulares, evidenciavam um novo modo de se relacionar com o outro, seja ele professor ou colega de classe. Eles utilizavam esses dispositivos dentro e fora da sala de aula. Os diálogos presenciais perdiam espaço para os bate-papos virtuais.

Nesse contexto, mesmo diante dos esforços empreendidos por docentes como a professora de Língua Portuguesa, que sempre procurava mudar a dinâmica das aulas, a escola

aparentava ter se tornado um espaço desinteressante para aqueles jovens. Passamos a lidar com aquilo que Martín-Barbero (2000) chamou de um sensorium novo, uma experiência cultural nova, na qual os estudantes “têm maior empatia cognitiva e expressiva com as tecnologias e com os novos modos de perceber o espaço e o tempo, a velocidade e a lentidão, o próximo e o distante” (MARTÍN-BARBERO, 2000, p.54).

Diante desse cenário, seguindo os pressupostos educacionais, levamos em consideração todas as situações observadas em sala de aula e a partir da análise de cada uma delas buscamos traçar a nossa estratégia de intervenção no espaço escolar. Assim, o projeto de educação colocado em prática junto aos estudantes procurou dialogar com esse novo *sensorium* e com as novas relações dele decorrentes. Deste modo, as formações buscaram refletir o evidente interesse dos jovens pelo universo imagético/visual. E assim, entre os meses de julho e agosto de 2017 foram realizadas seis oficinas de formação com as turmas (2º ano A e 2º ano B): quatro encontros realizados durante as aulas, e dedicados, principalmente, à problematização de temas geradores escolhidos pelos estudantes; e outros dois encontros realizados no contraturno (à tarde), com foco maior na formação técnica em fotografia.

Para a problematização dos temas geradores, realizamos um trabalho de leitura crítica da mídia, tendo como material de auxílio: vídeos, imagens e músicas, linguagens essas cada vez mais presentes na vida desses jovens. Seguindo essa perspectiva, durante a discussão do tema “racismo”, iniciamos o debate a partir do vídeo denominado “Ninguém nasce racista”, uma produção audiovisual com pouco mais de três minutos, narrada pelo ator Lázaro Ramos, que procura mostrar como o preconceito racial é apreendido socialmente, revelando a dificuldade das crianças em lidar com essas questões. Muitos discentes se sensibilizaram com o conteúdo do vídeo. Notadamente, a exibição motivou uma maior participação no debate, pois vários estudantes passaram a relatar histórias de amigos e conhecidos que tinham passado por situações de preconceito racial.

Aproveitamos o momento para discutir como o racismo se manifesta na sociedade, ocasião na qual trabalhamos também com algumas notícias retiradas de sites da internet, as quais traziam informações sobre o desemprego entre a população negra, dados sobre a violência que atingia, principalmente, o povo negro, e casos de intolerância religiosa contra as religiões de matriz africana. Procuramos, deste modo, mostrar para o grupo que o racismo é

algo concreto e que gera uma série de injustiças sociais. O nosso objetivo foi despertá-los criticamente para o combate ao racismo, fazendo-os assumir o papel de cidadãos atuantes nessa sociedade desigual, processo inerente à formação educacional. Afinal, como argumenta Soares (2011a, p.18), na educação “o que importa não é a ferramenta disponibilizada, mas o tipo de mediação que elas podem favorecer para ampliar os diálogos sociais e educativos”.

Processo semelhante foi utilizado para problematizar o tema “seca” do Rio São Francisco, sugerido por uma discente que se mostrou preocupada com o baixo nível do rio no seu povoado, na área rural de Juazeiro. Utilizamos o nome “seca”, entre aspas, por considerarmos equivocado atribuir a culpa da atual situação do Velho Chico a um fenômeno cíclico natural que sempre acometeu nossa região. Porém, a partir das falas dos jovens durante as discussões, notávamos que eles associavam os baixos níveis de água do rio, principalmente, à falta de chuva (seca). Por isso, procuramos mostrá-los que uma série de outros fatores contribuíam ainda mais para a degradação do rio, como a retirada excessiva de água para os grandes projetos de irrigação; o desmatamento das matas ciliares; o assoreamento; a construção de condomínios de luxo às margens do São Francisco e etc.

Toda esta problematização foi realizada com auxílio de imagens retiradas de sites e blogs da região que denunciavam a negligência de moradores e do próprio poder público com a atual situação do rio. Buscamos, deste modo, trabalhar a partir de uma leitura crítica dessas notícias, sobretudo por que os discentes afirmaram, através de questionário, que costumavam acessar essas plataformas on-line frequentemente. Por isso, suscitávamos o debate a partir delas mesmas, sempre com o cuidado de orientá-los sobre a importância de checar as informações noticiosas antes de divulgá-las ou compartilhá-las na rede.

Ainda para nos auxiliar nesta discussão sobre a seca e o rio, utilizamos um videoclipe denominado “Soul Nordestino” (2015)<sup>5</sup>, uma produção de um grupo de rap local chamado P1 Rappers. A composição tem como foco a autoafirmação da identidade nordestina, todavia,

---

<sup>5</sup> P1 RAPPERS. **Soul Nordestino**, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7HLAqNL6eaM>. Acesso em: 16 de julho de 2017.

traz na sua letra e também nas imagens, um discurso crítico de conscientização política e ambiental.

Visando reforçar esse processo de leitura crítica mídia, uma das áreas de intervenção da educomunicação, também procuramos, através de outra atividade, evidenciar a força do discurso midiático sobre a representação social do Nordeste e do nordestino. Na ocasião, exibimos no Datashow uma série de imagens sobre secas que atingiram a região Sudeste, sobretudo os estados de Minas Gerais e São Paulo. Todas as fotografias exibidas foram retiradas de sites de notícia daquelas regiões. Seleccionamos também algumas imagens de bairros pobres, sem qualquer infraestrutura mínima, com falta de calçamento e saneamento básico, todas elas imagens de localidades dos estados de Minas Gerais e São Paulo. No entanto, inicialmente, exibimos apenas as imagens, sem qualquer legenda ou referência ao lugar onde foram registradas. Após a exibição, lançamos à turma a seguinte pergunta: “Na opinião de vocês, onde estas fotos foram registradas?”. Com unanimidade, todos atribuíram as fotografias à região Nordeste, citando, inclusive a cidade de Juazeiro-BA.

Figura 1: Uma das imagens retirada do site do jornal Estado de Minas



Fonte: Site Estado de Minas, 2016.

Em seguida, revelamos que todas aquelas fotos, inclusive a que está ilustrada acima, haviam sido retiradas de sites de notícias da região Sudeste, procurando mostrá-los como o discurso repetitivo da mídia sobre o Nordeste pobre e improdutivo influencia na representação social que nós mesmos passávamos a ter sobre a região. Os discentes mostraram-se surpresos e realizaram vários comentários importantes, como “Nem tudo que eles mostram na TV é uma verdade absoluta”; “A seca existe em outros estados, mas eles falam tanto do Nordeste seco que a gente pensa que só acontece aqui”; “Pobreza não existe só no Nordeste” e etc.

Todas essas problematizações, decorrentes dos temas geradores de discussão, ocorreram em oficinas realizadas com ambas as turmas, durante as aulas de Língua Portuguesa. Ao longo desse processo, a professora estimulou a produção escrita dos discentes a partir das temáticas discutidas em sala de aula.

A partir das atividades elaboradas junto à docente da EFTJ, conseguimos unir a proposta de uma formação educ comunicativa às demandas da disciplina de língua portuguesa. Como ressalta Ismar de Oliveira Soares (2011a, p.87): “Na prática, estas iniciativas não são fáceis de ser adotadas, levando em conta a tradição estabelecida de um ensino fragmentado e conteudístico que deve responder à demanda dos vestibulares”. Todavia, mesmo diante de todos os desafios impostos, conseguimos propor outra perspectiva de formação, partindo do universo midiático e dinâmico vivenciado pelos estudantes, criando assim pequenos espaços de transformação dentro da escola a partir da interface entre os campos da educação e da comunicação.

Acreditando nessa experiência educ comunicativa como uma semente para futuros avanços, foram realizados mais dois encontros no contraturno com o objetivo de proporcionar a formação técnica em fotografia. Participaram dessas novas oficinas 16 estudantes, dez discentes do 2º ano A e seis do 2º ano B. No primeiro encontro, realizado no dia 01 de agosto de 2017, os jovens puderam aprender a manusear uma câmera profissional e conhecer técnicas básicas de fotografia. Durante essa formação, era notável o envolvimento e entusiasmo dos jovens com as câmeras, procurando colocar em prática tudo aquilo que estava sendo trabalhado com eles.



Levando esses fatores em consideração, promovemos uma saída fotográfica com ambas as turmas, objetivando não apenas exercitar a técnica fotográfica, mas, sobretudo, discutir um dos temas geradores sugeridos pelos discentes durante os encontros: a problemática envolvendo o Rio São Francisco. No dia 17 de agosto, realizamos uma viagem à cidade de Curaçá-BA, à 92km de distância de Juazeiro, com o grupo de dez estudantes do 2º ano A. O objetivo dessa saída fotográfica foi registrar o cotidiano daquele município e, sobretudo, a relação do povo ribeirinho com o Rio São Francisco, pois, a intenção do grupo, após o processo de problematização sobre os discursos estereotipados que recaem sobre a nossa região, foi mostrar a imponência do Velho Chico e a força do seu povo, mesmo em um momento difícil marcado pela degradação do rio.

Semelhantemente, a segunda saída fotográfica, realizada junto à turma do 2º ano B, ocorreu na tarde do dia 24 de agosto de 2017, em Juazeiro-BA. Seis estudantes desta turma participaram da atividade, todos eles também haviam comparecido à oficina de formação técnica em fotografia. O reduzido número de discentes se deveu à alegada falta de disponibilidade para comparecer às formações à tarde. Porém, não tínhamos como desenvolver todas as ações do projeto pela manhã.

Para essa formação, também optamos por sair da escola e fotografar o cotidiano de Juazeiro, cidade localizada às margens do Velho Chico. Dirigimo-nos ao Angari, tradicional bairro do município com mais de um século de existência, lugar onde residem muitos pescadores, com os quais os jovens puderam dialogar e fotografar.

Durante essa saída fotográfica, os estudantes receberam mais algumas orientações relativas ao uso das câmeras, e, em seguida, foram a campo. Ao longo do caminho até o bairro Angari, os discentes fotografaram um pouco da rotina da cidade e dos seus moradores. O nosso objetivo, assim como no encontro realizado com a turma anterior, foi fotografar o cotidiano às margens do Velho Chico, procurando chamar atenção para a importância do rio em nossas vidas.

Após as saídas fotográficas, reunimo-nos na semana seguinte para a seleção das fotografias que resultariam na exposição, tarefa difícil frente à qualidade e relevância do material produzido pelos grupos. Ao final, tínhamos 32 fotografias para a exposição, que, a

pedido da escola, ocorreu no dia 21 de setembro, na ocasião de um evento escolar aberto ao público e realizado anualmente pela instituição.

Figura 2: Registro da exposição realizada na escola.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

A exposição fotográfica, intitulada “Entre margens: retratos de um cotidiano ribeirinho”, marcou o encerramento do projeto na escola, possibilitando à comunidade escolar e ao público externo conhecerem os resultados da pesquisa. Diante dos avanços apresentados, a diretora da instituição pediu autorização ao grupo para deixar as fotos permanentemente expostas na escola, o que nos causou bastante satisfação, pois se evidenciava o reconhecimento do trabalho realizado.

Aproveitamos a ocasião para realizar o nosso seminário final, que aconteceu ali mesmo, no pátio da escola, um momento de avaliação conjunta das ações empreendidas. Ficando perceptível, através das falas, a satisfação de docentes e discentes com o trabalho realizado, que, segundo eles, mudou a forma de pensar o processo de ensino-aprendizagem a partir do diálogo entre os campos da educação e comunicação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegado o momento de elucidar mais alguns resultados advindos da prática educacional implementada na Escola de Formação Técnica Juazeirense (EFTJ), bem como retomar algumas ideias defendidas ao longo deste trabalho. Para isso, optamos aqui por dar voz aos discentes e docentes diretamente envolvidos nas atividades de educação. Nesse sentido, serão destacadas algumas falas dos participantes, obtidas através de entrevistas semiestruturadas, no intuito de tecer nossas considerações finais sobre o trabalho.

Foi interessante perceber, através dessas entrevistas e dos depoimentos proferidos ao longo das formações, que, mesmo de forma tímida, os jovens evidenciaram uma nova postura frente à mídia, demonstrando consciência do poder discursivo midiático, como notamos em alguns trechos das falas: “Antigamente eu pensava do mesmo jeito que a televisão mostrava” (Discente 1); “... porque, como a gente aprendeu, os jornais repetem tanto isso pra gente, que a gente toma como verdade” (Discente 2); “...a gente, como morador daqui, pode mostrar o outro lado, o que a mídia não mostra” (Discente 3). Neste último fragmento, por exemplo, podemos notar também o despertar da consciência desses sujeitos para o papel que podem exercer como produtores e emissores dos seus próprios discursos. A discente de número 3 demonstra consciência que ela “pode mostrar o outro lado, o que a mídia não mostra”. Os estudantes evidenciaram, através das suas falas, uma nova interpretação sobre o que a mídia transmite, característica esta bastante significativa em um trabalho educacional.

Outro fator importante, e que apareceu de forma mais evidente na fala da estudante 4, é como a mídia escolhida para o trabalho educacional se torna um estímulo à participação: “No início, eu só tinha vontade de tirar foto, por isso eu quis participar, aí depois das conversas nas oficinas, as coisas foram mudando e, de repente, eu ‘tava’ pesquisando na internet sobre o que a gente discutia nos encontros [...]”. Ou seja, trabalhar com uma mídia atrativa ao jovem, contribui para o seu envolvimento na ação, colocando-nos diante do desafio de, a partir dessa tecnologia, ampliar os espaços de discussão e problematização temática, ultrapassando a formação da técnica em um determinado meio, aspecto também reconhecido pelos docentes diretamente envolvidos nas atividades do projeto.

Dois professores que participaram do planejamento das formações educacionais, a Docente 1 e o Docente 2, evidenciaram em suas falas a relevância do estímulo à participação através das mídias, fugindo do modelo estritamente livro e expositivo das aulas, como relatou a docente 1: “Todos na escola estão preocupados em silêncio, em enfileiramento, em aluno só lendo, lendo, lendo. E lendo o quê? Livro”. A cultura livro e disciplinar revela-se tão presente na escola, reiterando uma norma ou um conjunto de normas (YÚDICE, 2014) que dificultam o desenvolvimento de outras perspectivas de formação que fogem do padrão normativo estabelecido. Fato evidenciado, também, na fala do docente 2 durante a entrevista: “A escola cobra muito que você esteja dentro da sala trabalhando o seu conteúdo. Se você procura fazer outra ligação além do habitual, para ela é não dar aula. Quando eu trabalho com o audiovisual, eles acham que a gente não está trabalhando”.

O depoimento do professor reitera o que Soares (2011a) chama de um modelo de ensino fragmentado e conteudístico, que não favorece o desenvolvimento de ecossistemas comunicativos abertos e criativos necessários a uma cultura de participação. O modelo comunicacional unidirecional está tão consolidado no ambiente escolar, que iniciativas diferenciadas como aquelas desenvolvidas pelo docente através do audiovisual não são reconhecidas pela escola no âmbito disciplinar, como argumenta o professor: “eles acham que a gente não está trabalhando”. Dessa forma, a escola acaba contribuindo para perpetuar um sistema não-participativo à medida que nega ao educando espaços de expressão como aqueles proporcionados por meio das produções audiovisuais dos estudantes.

Nessa perspectiva, reconhecemos que a “cultura livro”, independentemente do suporte, é essencial à formação discente. Entretanto, a escola precisa entender e valorizar também o importante papel exercido pelas mídias na educação desses jovens, compreendendo, principalmente, que essas tecnologias, por si só, não conseguirão mudar os rumos da educação, mas que uma dinâmica de formação participativa aliada às TICs, sem dúvidas, trará resultados significativos. Fato que pôde ser notado por meio das formações educacionais do projeto, que, para além do aprendizado da técnica fotográfica, proporcionaram o fortalecimento da relação entre os docentes e discentes, bem como um estreitamento de laços com o lugar em que vivem e, especialmente, com o Rio São Francisco.

Ademais, através das problematizações dos temas geradores, o projeto permitiu, como vimos, despertar nos discentes um olhar mais crítico perante as situações de recepção midiática. Diante do exposto, as ações empreendidas na escola, bem como o resultado advindo delas, manifestam, para nós, a expressão educacional enquanto ideal de relações dialógicas construídas coletivamente e mediadas por diferentes suportes e linguagens (SOARES, 2011a, 2011b).

## REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem**: discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.

COULON, Alain. **Etnometodologia e educação**. Vozes, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

KAPLÚM, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, Moderna/Eca-Usp, jan./abr. de 1999, p. 68-75.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. **Revista Comunicação & Educação**, n. 18, p.51-61, maio/ago, 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação - contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011a.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011b. p.13-29.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Afinal, o que é Educomunicação?** São Paulo: NCE/USP, s/d. Disponível em: <https://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>

SOARES, Ismar de Oliveira Caminhos da Educomunicação na América Latina e nos Estados Unidos. In **Caminhos da Educomunicação**, 2ª Ed, São Paulo: Editora Salesiana, 2003.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.